

DE D. CAROLINA MICHAËLIS (4)

RECEBI ha dias o N.º 41 da *Águia*, assim como a cartinha em que V. Ex.ª me pede a minha opinião acerca de um artigo seu, nele publicado, a p. 199-201.

Agradecendo a sua gentileza, passo a expôr nas páginas seguintes, com toda a franqueza, de um lado as objecções que tenho de fazer à sua tentativa, e pelo outro lado ideias e factos que me parecem reforçar a mais antiga das propostas dos antecessores que se occuparam do vocabulo *gonço*.

Procedo assim na suposição que V. Ex.ª se interessa deveras pelo "milagre do verbo", essa mais antiga, mais espontânea e mais contínua das criações do espirito humano em geral, e em particular dos diversos genios nacionaes; na persuasão tambem de que com sinceridade desejaria tornar fecundas as suas evidentes aptidões filologicas, resolvendo alguns dos in-números problemas do nosso tesouro vocabular que por acaso já prenderam ou ainda lião de prender a sua atenção.

Foi em 1853 que o gram-mestre da filologia neo-latina se occupou concisamente, no seu Diccio-

(4) Publicada em "A ÁGUIA".

nario etimologico comparado, dos termos agrupados *gonzo engonzo* (port.); *gonce gozne* (cast.); *gond* (franc.); *gofon goufon* (prov.) como de outras tantas denominações dos singelos mas engenhosos aparelhos que na Europa culta se empregam, desde a sua romanização, com o fim de facilitar o abrir e fechar de portas, batentes de janelas, tampas de caixas e móveis semelhantes.

Em vista das divergencias notáveis que, ainda assim, ha foneticamente entre essas formações das quatro línguas da România Occidental—da qual o centro (a Italia) e a România Oriental se afasta neste caso especial como em muitos outros,—em vista das divergencias formaes Diez hesitou todavia, com a cautela natural de um sábio, de modo algum preparado, como iniciador de uma sciencia nova, para logo historiar e documentar todas as suas ideias e conjecturas.

Em lugar de uma só etimologia, de clareza evidente, apresentou tres que tinha em conta de possíveis quanto ao sentido e quanto à forma. Todas elas são greco-latinas, como é natural, visto que de Roma, directamente, e indirectamente da Grecia, sua excelsa educadora, nos vieram quasi todas as invenções feitas no campo das artes, das sciencias, e das industrias; e juntamente com os objectos, os seus nomes técnicos, populares e cultos.

Os tres étimos propostos são *contus* (κοντός) = vara, lança, estaca (em alemão *Stange*); *gomphus* (γόμφος) = cunha, cavilha, prégo (em alemão *Pflock*, *Zapfen*); e *ancon* (ἀγκων) = gancho, escapula com

forma de cotovelo (em alemão *Haken, Angel, Anker-Klammer* ¹).

Para as formas peninsulares Diez estava disposto a dar a preferência a *contus*, não sem notar a substituição extraordinária de *t* por *z*. Não se lembrava portanto de que este inconveniente, se fosse único, se remediava bem, admitindo-se a existencia de um derivado adjectival * *conteus*. Para *gond*, da França do Norte, escolheu *ancon* por causa de uma forma dialectal desse teor; e para a Provença, *gomphus*, separando assim o que em regra é unitario.

Os sucessores escollieram comtudo *gomphus* para todas as quatro linguas, pela simples e decisiva razão de só esse vocabulo, de significado conveniente, ter sido popular em Roma, e haver continuado usadissimo durante a idade-media ² — factó de resto que o proprio Diez indicara ³, e já fôra estabelecido por outro linguista ⁴.

Verdade é que alguns autores reproduziram apenas os dizeres de Diez, sem se decidirem por nenhum dos tres étimos ⁵. Outros excluíram só *ancon* ⁶; ainda outros, só *contus* ⁷. Mas desde que Littré aplaudira como "muito provável" a proveniencia de *gond*, de *gumphus*, essa foi a mais repetida, tanto lá fóra como entre nós, posto que às vezes os repetidores acompanhassem a explicação de um sinal de interrogação, indicador de que, como Diez, não percebiam bem as evoluções fonéticas de *gomphus* para *gond* e *gonzo* ou *gonço*.

V. Ex.^a é do número dos duvidosos, e procura solução mellhor ⁸. Além de a Diez e Littré

recorreu ao léxico francês de Hatzfeld e Darmesteter e A. Thomas, e aos portugueses de F. A. Coelho, Cândido de Figueiredo (e o de E. de Faria, que desconheço).

Ha mais algumas obras, indispensaveis a todos quantos se occupam de etimologias românicas que V. Ex.^a devia ter consultado; as *Apostilas aos Dicionarios Portugueses* de Gonçalves Viána⁹, os *Subsidios* de A. S. Cortesão¹⁰; o *Diccionario Latino-Românico* de Körting, porque nele se registam todas as opiniões¹¹; e sobretudo o *Diccionario Etimologico* de Meyer-Lübke, o actual Gram-Mestre da Romanística, catedrático de Viena de Austria, até a Pascoa passada, e desde então (2.º) sucessor de Diez na Universidade de Bonn¹².

Nesta última concisíssima obra, ainda incompleta, V. Ex.^a teria visto que o eminente investigador, que não hesita em destruir pela base muita etimologia dieziana, considera *gomphus* como único ponto de partida, comum, de todas as formas occidentaes e remove as dificuldades foneticas das formas peninsulares, *gonce*, *engonçar*, declarando-as por francesismos; isto é, por representantes do antigo plural francês *gonz*, que já dera, além dos Pireneus, o verbo *engoncer* com sentido figurado¹³).

Essa maneira de encarar e resolver o problema é de ha muito a minha. E seria seguramente a de V. Ex.^a, se eu já a tivesse exposto por extenso num estudo especial: numa historia *ilustrada dos gonços e engonços*, que abrangesse todos os sistemas de segurar e mover portas,

portadas, tampas etc., tanto os de suspensão como os de dobradiças lateraes, e em que tambem se registasse e explicasse toda a terminologia das partes de que eles se compõem, não sómente a que é greco-latina, mas tambem a germanica onde fosse esclarecedora ¹⁴, — juntando-se ainda as locuções idiomaticas, os sentidos abstratos e figurados, e notas sobre o emprego proverbial, e suas funções respectivas no folklore ¹⁵.

Esse ensaio, caso que realmente se realizasse, havia de ser um paralelo, modesto embora, das admiraveis contribuições à historia da cultura em que alguns corifeus vivos da Filologia, justamente considerada hoje como sciencia de todas as manifestações do espirito humano, no espaço e no tempo, combinam o estudo de *Coisas reaes* (*der Realien*, como dizemos na Alemanha) com o dos seus *Nomes* ¹⁶, dando-nos *Wortgeschichte*, e falando-nos ora de rocas e fusos, dobadoiras e sarilhos ¹⁷, ora de foices, punhaes e serras ¹⁸; ora de mangoaes, grades e outros aparelhos trilhadores ¹⁹; ora da arte de pescar dos que turvam (*troubient*) as aguas, afim de encontrar (*trouver*) boa pesca ²⁰.

Por ora os meus materiaes são todavia muito insufficientes.

Apenas vou dizer por isso, nesta Carta, o que fala a favor de *gomphus* = cavilha, como etimo de *gond* e *gonço*, e contra *condylus* = nó, articulação — essa nova etimologia proposta por V. Ex.^a, e tambem contra o já citado adjectivo *conteus* = com forma de vara ou estaca, advogada por Menendez Pidal ²¹.

Creio contudo que mesmo nestas escassas Nótulas V. Ex.^a ha de reconhecer quanta luz a etimologia de *gonços engonços* recebe tanto do objecto real ²², como da comparação com as demais denominações que lhe são dadas entre nós — *dobradiça, bisagra, macha-femea, quicio* e com *escancarado*— e também com alguns representantes dialectaes, até hoje desatendidos, de *gomphus*.

Quanto ao significado, "*gomphus* = cavilha," ²² deve ter designado a principio nas províncias romanas, e nas colónias gregas, apenas aquella parte das *dobradiças* que realmente é um *gomphus*. Essa parte passou a designar o aparelho inteiro — *pars pro toto*— por ser a principal, a *conditio sine qua non* dos movimentos realizados pela porta ou tampa que se abre e se fecha. Tanto em portas suspensas, com um leme de macho-femea perpendicularmente preso na soleira e hombreira (ou seja nas couceiras), *Tueren mit Stehzapfen*, o qual gira dentro de um vão, como em portas com charneiras lateraes (*mit Türangeln*), em que um espigão ou passador, metido em aneis alternantes, formados pela borda inferior de duas chapas, palas ou pranchetas de metal, junta a fixa à movel, esse espigão passador, e esse leme-macho é um *eixo*. É o *polo*, em volta do qual giram portas e tampas.

Verdade é que, como V. Ex.^a diz, o aparelho é uma coisa *articulada* (ou articulante). É mesmo o característico que provocou a denominação popular, e privativamente portuguesa de *dobradiça*.

Mas para o encontrar no étimo não temos de recorrer a *condylus*, abandonando *gomphus*. A ideia da articulação, do encaixe, não pode ter faltado aos *gomphos* da antiguidade ²⁴. Bem alto o diz o derivado científico *gomphose*. Este designa em anatomia toda a articulação em que um osso está encaixado num vão—como por exemplo os dentes nas maxilas ²⁵.

Agora a *forma*. A mais antiga portuguesa que conheço, e posso documentar, é *gonço* ²⁶— e a ela corresponde ainda hoje o asturiano *gonciu* ²⁷. Dela saiu o verbo *engonçar*, que pela sua vez nos deu o substantivo post-verbal *engonço*, usado em regra no plural—assim como o adjectivo *desengonçado*, com significado material e figurado ²⁸.

Suponho que *gonço* fosse precedido de *gonce*, principal forma antiga castelhana. A substituição de ~ *e* final etimológico por ~ *o* analógico não é rara em português ²⁹. Baste aqui o exemplo *eixo* por *eixe* < *axe*.

O -*z*- brando da pronúncia moderna, em lugar do ç forte, também pode ser analógico. Esse ponto da complicada história das sibilantes portuguesas não está todavia bem claro ³⁰. Como rima de *gonzo* conheço apenas *bonzo*; de *gonze*, só *bronze* e *onze*; de *gonço*, desde o tempo em que ç foi reduzido a *ss*, o adjectivo *sonso*.

Os castelhanos, já o disse, serviam-se de *gonce* no século XVI ³¹. *Gonce* é ainda hoje a única forma usada na Galiza. A moderna variante *gozne* é produto de tendências metatéticas ³². Nos derivados, as formas com *zn* prevalecem sobre

as com *nz*: *engoznar*, *desgoznar* e *desengoznar*.

Mas como se explicam as sibilantes das formas peninsulares? Não por evolução directa. *Gonço*, *gonce* não pode ter saído de *gomphus*; nem de um hipotético *gonfio*. Sómente, conforme já indiquei, do francês antigo *gonze*, ou de *gondium* como latinização bárbara desse francicismo.

O enorme predomínio da civilização francesa nos séculos XI e XII, e novamente no XIV, é concludidíssimo, e por igual, o influxo que a lingua e a literatura francesa exerceram "*parce que le langage français est plus délectable et plus commun à toutes gens*". Entre os galicismos arcaicos que lhe devemos, relativos a instituições sociaes, artes, sciencias, industrias, muitos acabam em *e* surdo—única vogal com que podem terminar vocábulos franceses³³. Exemplos de que o *~s* da declinação³⁴, quer simples, quer fundido em *z* por fusão com consoante dental passasse a linguas estrangeiras, não ha muitos. Basta, porém um português, para tornar aceitável a ideia que *gons* (ou *gonz*) desse *gonce*³⁵. E esse, temo-lo em *lis* ou flor de *lis*, de *lilius*³⁶. A existencia do francês *gonz* é provada pelo derivado *engoncer*.

O *d* final do moderno *gond*, em que V. Ex.^a repara, já aparece no seculo XV, embora se generalizasse mais tarde. É comtudo espúrio (e por isso não se liga na pronúncia). A forma primitiva é *gon*, *gons*³⁷. O *d* é analógico. Provêm de *fond*, *fundus*; *rond*, *rotundus*. Com *engoncer* devemos comparar *enfoncer*, etc.³⁸.

Não deixarei de indicar que o excelente investigador Suchier pensava que a França recebera os *gonfos* directamente dos gregos de Massilia ou do Arelate ³⁹. De lá *irradiariam* para o Norte e para a Península; mas não para a Itália, da qual logo direi duas palavras.

Ao grupo asturiano-português e galego-castelhano, derivado directamente da França do Norte, pertence o valenciano *gonç* ⁴⁰, usado a par de *gonce* e *mig-gonce* (=meio gonce).

O catalão pertence pelo contrário à região provençal. *Golfe*, *golfo* ⁴¹ (com *engolfar*) saú evidentemente de *gonf*. A substituição da nasal pela líquida, no grupo *nf* é comtudo diversa da dissimilatória que se deu em *alma* < *an'ma* e em *almalho* < *an'malia*.

No provençal, houve, em vez de dissimilação, evolução assimilatória ⁴². *Gofon* é aumentativo de * *gofo*. Provavelmente houve também *gonfo gonfon*. Os provençaes de hoje pronunciam *goufoun*, mas também *gounfoun* ⁴³.

Uma prova indirecta mas valiosa de que de França podem ou devem ter vindo muitos engonços a Portugal e Espanha ⁴⁴, possuimo-la no sinónimo *charneira*, cuja origem é evidente ⁴⁵. *Charnière* representa *cardinaria*, derivado de *cardine* (afr. *charne*) isto é da denominação clássica latina do aparelho de que estou a tratar.

Cardine subsiste intacto na Itália, e deu a todos os idiomas neo-latinos, e a outros, no adjectivo *cardinale* um termo significativo, apli-

cado a objectos positivos, e em abstracto a pessoas e coisas, considerados como eixos e polos do mundo ⁴⁶.

Nos pontos cardinaes das portas de suspensão distinguia-se entre cardo *masculus*, (*Zapfen*), o verdadeiro *gomphus*, que é movel, e o *cardo femina*, o vão, ou cilindro ou "cachimbo," que é fixo (*Pfanne*). De aí vem o nome português de *macho e femea*, dado, conforme já acima mencionei, ao *leme-dobradiça* integral, mas também apenas ao ferro-macho, ou mesmo exclusivamente ao espigão.

Se não fôr bem untado, o macho-femea chia, guincha ou range desagradavelmente.

Já era assim quando Eneas desceu aos Infernos: *foribus cardo stridebat aënis*—*a porta rangia nos seus gonzos de bronze*—e *tum demum horrissono stridentes cardine sacrae panduntur portae*—*e finalmente abriam-se a sagrada porta, rangendo com ruido horrendo* ⁴⁷.

Creio que foram esses *guichos*, *guinchos* ou *esguinchos* de lemes e gonços, tão dissonantes, e tão freqüentes como a chiadeira das rodas dos carros de bois, que provocaram a criação de um sinónimo, privativamente peninsular de *cardine*: a palavra *quício*—onomatopaica portanto. Ela é usada, de resto, em Espanha muito mais do que em Portugal. Na Alemanha o correspondente seria *Quietsche*, de *quietschen*, *quieken*—fazer *quìquì* ou *quìek*, *quìek*.

Bisagra, *visagre*, e tambem *misagra* na linguagem náutica ⁴⁸, é igualmente propriedade particular de Espanha e Portugal.

É um adjectivo substantivado, equivalente de *charneira*, mas relativo originariamente, se não me engano, só a cavilhas duas vezes agras ou agudas, isto é aguçadas em ambas as pontas — bis-agudas ⁴⁹.

Usava-se bastante no seculo XVI, tanto em obras literárias ⁵⁰, como em documentos de valor puramente prático.

Encontrei-o p. ex. no Inventario dos objectos que a Infanta D. Beatriz levou para Saboia em 1522: umas táboas de cavalgar de prata, douradas todas... mas com bisagras de ferro douradas ⁵¹. — Em outro, da Rainha D. Catarina (1538), ha um cofre de marfim com fechadura e *visagias* (*sic*, por erro de copista ou de imprensa), não se diz de que metal ⁵². Em ainda outro, da casa tambem de D. João III (1534), menciona-se uma mesa de cozinha, em que talham, que tem *bysagras* — provavelmente em taboas suplementares, pendentes ⁵³.

Bisagra é, em castelhano, a mesma coisa. Designa todavia tambem um pau, hoje em uso, de buxo, curto e grosso, mas outrora seguramente pontiagudo, com o qual os sapateiros brunem as bordas das solas (em alemão *Fummelholz*). É substituído de resto hoje nas cidades por *ferros* de brunir especiaes. Variante desse *bisagra*, é *bisegre*. E *bisegre* é a unica forma empregada em Portugal. Trata-se de outro fran-

cesismo: o antigo *bis-aigre*, (hoje *bis-aigle* ou *biseigle*) < *bis-acre* ⁵⁴.

Ao grupo de sinónimos que rapidamente analisei, juntei o adjectivo *escancarado* (*sperr-angelweit-offen*). Ele corresponde ao italiano *sgangherato*. Mas entre nós não se conservou, que eu saiba, o substantivo * *câncaro*, *cângaro* de que descende. Em italiano ha *gânghero*, e este é até na Italia o par e irmão mais usado de *cárdine*. Outros sinónimos são *bílico* de *umbilico* = embigo; *mastietto*, diminutivo de *mástio*, variante de *máschio* < *masculo*; e *arpione* do grego *harpe* ou *harpax* (gancho).

Acho desacertadas as tentativas de relacionar *gânghero* com *cancro*! O verdadeiro étimo é o grego *cancalus* (καγκαλος) — já apontado por Meyer-Lübke. Houve nele troca de sufixo: — *arus* substituiu *alus* — fenómeno frequente de que me tenho ocupado em diversas ocasiões ⁵⁵.

Falta-me falar da etimologia proposta por V. Ex.^a, isto é do greco-latino *condylus* (κονδυλος) *nd*, articulação; e da de Menendez Pidal: * *conteus*, como derivado do substantivo *contus*, apontado por Diez.

Esse *contus* (κοντος) *vara*, *estaca* deu aos castelhanos regularmente *cuento*, nome aplicado hoje — *pars pro toto* — à extremidade inferior de varas, picas, bastões, bengalas: peça cilíndrica de metal no extremo inferior de espadas, etc. *Virola* ou *ponteira*. Como *cuento* < *contu* convirja com *cuento* < *computo* (o nosso *conto*) dá-se a pre-

ferencia em regra ao derivado *contera* < *contaria*. Em português as *conteras* são apenas das bainhas de espadas e da parte posterior do reparo do canhão.

A surda inicial *explosiva*, e o ditongo castelhano de *cuento*, desvirtuam, a meu ver, a ideia de relacionar *gonço* com esse vocabulo.

Condylus foi muito usado na Grecia, onde procreou numerosos derivados, técnicos, e anatómicos que em parte são hoje internacionaes (como p. ex. *condyloma*). Não dominava articulações em geral. Designava apenas as articulações dos dedos, que se salientam quando cerramos a mão em punho⁵⁶. De aí veio a ser uma das numerosas e pitorescas designações do sopapo: uma *nó-z-ada* ou punhada; e também um tumor duro como um nó.

Na literatura latina *condylo* ou *condulo*, como transcrevem os Gramaticos antigos, era um *hapax legomenon*. No Epigrama de Marcial (v, 78, 30) em que ocorre, a sua significação é para mim pouco clara. E também para outros leitores, visto que já houve quem considerasse *condylos* como nome-proprio.

Ainda assim é uso tirar desse *condulus* e do seu significado originario, persa,—que dizem ser vaso de beber—a *gôndola* dos Venezianos. Sem comprehender como de vaso de beber se chegou a *nó*, a não ser que os taes vasos persas tivessem por acaso como elemento decorativo *nós salientes*

como o BUCKELGLAS alemão, — não posso examinar essas teses ou hipóteses.

Nessas condições, e sobretudo porque não ha no latim da Idade-media vestígios de *condylus*, mal pode ter passado com o latim vulgar à Romania Occidental como sinónimo de *cardine* e *gomphus* e *caucalus*!

E se passasse, difficilmente dava *gonço*, *gonce*, *gozne*! As tres evoluções fonéticas que V. Ex.^a supõe, não são impossiveis, mas são pouco vulgares; anormaes mesmo. Não irmanam com as de vocábulos de architectura semelhante, como *dactylus*, *amygdala*.

1.º) A explosiva gutural *c*, como inicial seguida de *a* o *u*, mantêm-se em regra intacta em portugûes. Para um cento de formas como *cabeça*, *cabelo*, *cal*, *cama*, *campo*, *cavalo*, *caveira* ou *comer*, *conde*, *colo*, *contar*, que se cingem à lei, não ha dez excepções. E cada uma dessas excepções tem explicação especial ⁵⁷.

2.º) A queda de *-l-* intervocalico é regra, sim. Mas onde *l*, pela perda de vogal ou sílaba inteira final, chega a terminar sílaba, conserva-se (p. ex. em *sol*, *sal*); e onde pela queda de atonos fica em contacto com *k*, dá em palatal p. ex. em *olho*, *abelha*, *ovelha*, *orelha*.

3.º) Do semi-culto *condulo*, podia saír *condoo* como de *periculu*, *baculu*, etc., saíu *perigoo*, *bago*, contraídos depois em *perigo*, *bago* ⁵⁸. Mas se por acaso *condylo* desse *condyo*, ignoro o que daria, porque não me lembro de nenhuma construção paralela com *-ndy-*. Precedido de *-r-* ou de ditongo, o grupo *dyo* evolucionou,

de facto, para *ç* em *ouço*, nos arcaísmos *arço* < *ardeo*, *perço* < *perdeo* (por *perdo*) e em *almoço* (por *almorço* de *admordium* ³⁹).

E mesmo se todas as tres evoluções fossem normaes, o étimo *condylus* servia exclusivamente para o vocabulo português, e talvez, para *gon* francês; mas não para *gonce*, nem para *gofo*, e muito menos para *golfo*.

Por tudo quanto deixei dito, acabarei resumindo a minha opinião nas teses seguintes:

a) O vocabulo português *gonzo* (s. m.) vem do arcaico *gonço*, cujo *ç* subsiste no pl. *gonços* e nos derivados *engonços*, *engonçar*, *desengonçar*.

b) *Gonço* está por *gonce*, forma que se mantém na Galiza e na linguagem literaria de Espanha.

c) *Gonce*, *gonç*, representa o francês *gons*, *gonz*, (pl.).

d) *Gons* é o greco-latino *gomphus*, vindo talvez directamente dos colonos de Massilia e do Arelate.

e) Originariamente, nos tempos prehistóricos e protohistoricos da lingua portuguesa, e das irmaes occidentaes, *gonz* significava, em harmonia com as origens, em sentido restrito, *cavilha*, *prêgo*, *espigão*, *passador*, sobretudo de *dobradiças* e *charneiras*.

f) Depois passou a dominar, em sentido lato, o mecanismo completo das *dobradiças* e *charneiras*, composto quer de duas chapas de

metal, uma fixa e outra móvel munidas ambas, do lado interior, de aneis alternados, e de um passador-eixo, quer de um leme de macho e fema que gira em um vão fixo.

Porto, 15 e 16 de Julho de 1915.

NOTAS

¹ *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen*.—Vol. I s. v. *Gonzo* A 1.ª edição é de 1853. As posteriores são de 1861, 1869, 1878, 1890

² Vid. Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*.—Paris, 1678-1844 (ed. Henschel) e 1833-88 (ed. Favre) -Vol. III, p. 595.

³ Eis o artigo de Diez: *Gonzo, engonço* pg., sp. *gonce, gosne*, fr. *gond*, pr. *gofou* für *gonfon* thürangel. Nicht alle gleiches ursprungs: *gonzo* könnte von *contus* spieß, freilich mit einer nicht gewöhnlichen schärfung des *t* herühren, *gofou* führt auf *gomphus* Pflöck, in *mlat. häufig gebraucht*, vom gr. γόμπος; *gond* neigt sich mehr zum ersteren worte, ist aber wohl mit hinsicht auf das gleichbed. lothr. *angon* von *ancon* haken.

Grifei o passo respectivo.

⁴ Em Ducauge-Henschel, ha a afirmação: *Hinc nostris voz GOND orta*.

⁵ P. ex. A. Scheler no seu *Dictionnaire d'Etymologie Française*, Bruxelles, 1873.

⁶ A. Brachet, *Dictionnaire Etymologique de la langue française*, 1870.

⁷ A esse número pertence Littré, que diz acertadamente a respeito de *contus*: *ni le sens, ni la forme vont*.

⁸ No artigo de Littré (Vol. II, de 1874) ha elementos valiosos, tanto na parte historica, como na etimológica, que V. Ex.ª deixou de aproveitar. Ele acredita na origem comum de *gond, gonce, gonzo*, etc., e tira a forma dialectal lotaringia *angon* de um verbo formado como o português *engonçar*.—Na transcrição de V. Ex.ª está *gorne*, em vez *gozne*. Para esse erro tipográfico não se propagar direi aqui que *gorne* como variante de *gozne* não existe. Ha *r* em lugar de sibilante, antes de *n* em *cirne* a par de *cisne*. *Gormar*, tem outra origem do que *gosmar* por *gozmar*. O termo nautico *gorne*, tem significado e origem diversa.

⁹ Vid. Vol. I, pag. 402, o artigo *escancarar*, com cuja doutrina não concordo.

¹⁰ Coimbra, 1900 - Vid. p. 102, s. v *Gonzo*. Artigo acertado mas sem novidade.

¹¹ Vid. G. Köting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1891-1901-1907, s. v. *contus*. Não possui o artigo de Gröber, publicado no *Archiv für Lateinische Lexicographie*.

¹² W. Meyer-Lübke, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* - Heidelberg, 1911-1916. Possui-o até p. 560: a nefasta guerra interrompeu a impressão.

¹³ No n.º 3819. *Gomphus* (griech.) *Pflöck... Frz. *gond* Haspe, Türangel. Abl. prov. *gofon* id., frz. *engoncer*, deu. *Hais einziehen* - Diez, Wb 169 ALLG II, 432; Dict. Gén. - Frz. *gond* aus griech. *ancon*, Diez Wb 169 reißt das frz. Wort ohne Grund vom Prov. los; auch wäre der Abfall des *an* schwer zu erklären, wogegen umgekehrt der Anlaut im lothr. *āgō* sich leicht aus einem Verbum erklärt; gleichbedeutendes span. *gonce*, port. *gonzo*, *engonzo* scheint eine Entlehnung aus dem Plur, afz. *gonz* zu sein; Herleitung aus *contus* Rudeistange, Diez Wb 199, ist formell und sachlich unmöglich.

¹⁴ Tenho em mente o inglês *hinge* e o alemão *Angel*, *Angelpunkt*, aus den *Angeln* *heben*.

¹⁵ Para *desougar* crianças *ougadas* (ouga < auga < agna) é preciso pendurá-las numa porta e mover essa nos *gonços*.

¹⁶ Com o título *Wörter und Sachen (Nomes e Coisas* ou *Palavras e Coisas)* existe, desde 1909, uma Revista especial para investigações lingüísticas e cultur-historicas, ou seja: estudos lingüísticos baseados na etnografia, (Heidelberg Winter) Cfr. *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, Vol. IX, 66 e XII, 85 e *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Vol. XXXIV, p. 258.

¹⁷ O monumental trabalho a que aludo, é de Hugo Schuchardt: *Festgruss an Adolf Mussafia* (Graz, 1905). Cfr. *Romanische Etymologien* III.

¹⁸ Id. *Sichel, Notch und Säge* (1906)

¹⁹ Meyer Lübke, *Zur Geschichte der Dreschgeräte*, 1909

²⁰ Hugo Schuchardt, *Romanische Etymologien*, III.

²¹ *Manual Elemental de Gramática Historica Española* (1.ª ed. 1904); 3.ª 1914, ss 67, 2.

²¹ Pequeninios artigos ilustrados, e que se relacionem com *engonços*, temo-los no *Diccionario de Antiquidades Romanas e Gregas* de A. Rich, s. v. *cardo* (=couceira); *ginglymos* (=charneira); *antepagmentum* (=hombreira); *gomphus* (=cavilha); *janua* (=porta) - Outros, relativos à Espanha moderna, ha-os no *Diccionario Enciclopedico Hispano-Americano*, Vol. III, p. 638, s. v. *Bisagra*. - No *Larousse* português de Jayme de Séguier, só ha uma gravura, s. v. *Gonzo*.

²² *Cavilha* por *clavilha*, *clavicula*, com queda dissimilatoria de *l*, parece ser o italiano *caviglia* (francês *cheville*), comquanto a forma mais usada e normal seja *cavichia*. A forma verdadeiramente portuguesa é *chavelha*. Semi-culta é *cravelha*. *Cravija* é transformação do castelhano *clavija*. *Clavicula* é latinismo culto.

²⁴ Não colleccionei por ora passos literarios que o proveiu

²⁵ A definição de Littré tem o teor seguinte: espèce d'articulation immobile où les os sont emboîtés comme une cheville dans un trou. Les dents p. ex. sont articulés dans les maxillaires par gomphose. E cita, de um texto do século XVI: Gomphose est faite quand un os est fiché dedans l'autre en forme d'un clou ou d'un gonds

²⁶ Só a posso documentar de 1522 para cá. Na *Hist. Gen. da Casa Real, Provas*, Vol. II, p. 455 trata-se, num inventario, de uma sela em enjos tres palihos, cobertos de brocado, havia correias com fivela, passador, biqueira, etc., pegadas com seu gonço de prata nos ditos palihos

²⁷ A. de Rato y Hevia. *Vocabulario de Palabras y Frases Bables*, Madrid, 1891. P. 67, *Gonciu*: son los que tienen las puertas y las ventanas pa fazeles rodar.

²⁸ *Desengonçado* é que anda fóra dos eixos. Transtornado. Mas tambem quem faz movimentos desconjuntados. - Em francês *engoncer le cou dans les épaules* significa alguém ter (ou dar-se alguém) um porte teso e desageitado pelo facto de o seu vestido o apertar e oprimir subindo muito acima. Parece um boneco de *engonços* (eine Gliederpuppe).

²⁹ Exemplos de *~o* por *e* faltam tão pouco em gallego onde dizem *enxamo*, e em asturiano, (onde o *freire* é um *freru*) e em valenciano onde até dizem *paro*, *maro*,

monjo, bronzo. Mas o fenómeno contrário — *e*, em vez de *o*, — *berce* por *berço* — tão pouco é raro. Cfr. p. 86, Nota 33.

³⁰ Lembrarei apenas as formas divergentes *razão* e *ração*; *prezo* (verbo) e *preço* (subst).

³¹ Ainda não o encontrei em textos anteriores a 1500.

³² A par de *bronze* ha o vulgarismo *brozne*. — *Bronze* veio de França. Talvez venha de *Brundisium*.

³³ Os galicismos mais antigos e conhecidos em *~e* são *freire, monge, froque, prest(r)e mestre*. O arcaico *mege* > *medicu*, desapareceu. A respeito de outros termos em *~e* (por *o*) como *golpe* de *colapus*, teria eu muito que dizer.

³⁴ Não entro em pormenores. Bastará lembrar a V. Ex.^ª que na França se distinguia o nom. *murs* > *murus* do acus., ou em geral dos casos obliquos do sing. *mur* > *murum*. A esses correspondiam no plural, o nom. *mur* > *muri*, e o acus. *murs* > *muros*.

³⁵ As consoantes finaes tinham o valor de surdas: *z* valia *ss*.

³⁶ *Ronces*, no nome topografico famigerado de *Roncesvales*, claro que é pl. de *ronce* > *rumice* (com alteração do sentido).

³⁷ Ha exemplos em Littré, e em Godefroy.

³⁸ Com *engoncer enfoncer* compare-se *esforcier*, hoje *efforcer*, de *fort*.

³⁹ Vid. Groeber, *Gundriss* 2.^a ed. vol. 1 pag. 835.

⁴⁰ Vid. J. Escrig, *Diccionario Valenciano-Castellano*, 1871.

⁴¹ Vid. Saura, *Diccionario de las lenguas catalana-castellana* 1870; ou Esteve y Belvitges, *Diccionario Catalan-Castellano-Latino*, Barcelona 1803; ou o moderno *Diccionario portatil de les llengues catalana y alemana*, de Vogel, Berlin 1909. Um sinonimo de *golf* é *frontissa* que não sei explicar.

⁴² Vid. Emil Levy. *Provenzalisches Supplement-Wörterbuch*.

⁴³ Mistral regista essas formas no *Trésor du Félibrige*, e além delas *gofon*.

⁴⁴ Desconheço os emporios e os caminhos do comercio de ferragens francesas na idade-media.

⁴⁵ No inventario da Infanta D. Beatriz emprega-se, além de *gonço*, *charneira* (a p. 448) e *bisagra* (450).

46 O *cardinal* prelado (assim como o passarinho *cardinal*) receberam seu nome da côr de *cardo* ou côr cárdea da sua *vestimenta*.

47 *Aen.* I 449 e IV 573; — Em português v. 855 e 1058 da *Eneida de Vergílio lida hoje*, de Coelho de Carvalho.

48 Nos dicionários encontro também *missagra* (com dois ss). Como nunca o ouviu pronunciar de quem sabe, ignoto se a grafia é errônea.

49 A dobradiça *visagra*, não tem nada (a não ser a homofonia casual) com a velha *Puerta Visagra* dos muros de Toledo — citada no *Libro de Buen Amor* do Arcipreste de Fita (estr. 1306). Nesse nome próprio, composto e híbrido, ha o termo arabe *Bab* = *porta* e *Sagra*, nome do campo ou da *chã* toledana que se estende fóra-muros.

50 P. ex. no *Palmeirim* de Francisco de Moraes e no *Rei Seleuco* de Camões.

51 *Hist. Gen.* II 450.

52 *Ib.* p. 778.

53 *Arquivo Historico.* Vol. VIII, p. 369. Lá se fala também de *almiryos com machefeneas* e *ferrothos*.

54 Cfr. Meyer-Lübke N.º 1575, *Bis* (duas vezes) e *acre*, é também no francês *besaigne* qualificativo do vinho que está quasi avinagrado; *besaigne* é o nome de um instrumento de carpinteiro, de dois fios.

55 P. ex., num opusculo sobre *púcaros* de Portugal.

56 *Knochenköpfe Knochenknöpfe.*

57 Das formas citadas por V. Ex.^a eu riscaria *cumma*. *Crassus* foi influido por *grossus*. A par de *golpe* > *colapu* e de *gritar* > *quiritare* (que V. Ex.^a não cita) havia nos tempos passados *colbe* e *cridar*. Em ambos os vocábulos e também em *gato gruta* observo uma tendencia eufônica que leva a transformar, de duas explosivas surdas em sílabas consecutivas, a primeira em sôura — tendencia que, porém, nem sempre se realiza. Quanto a *grade gaiola gorgulho*, não sei explicar a evolução.

58 Cfr. *magoa taboa nevoa povoa*, etc.

59 De proposito não citei *garça* de *ardea*. — Precedido de vogal o grupo *dy* + *a* dá -*j*- ex. em *seja veja inveja*; mas nem sempre: em *meio baio raio poio moio* o -*i*- conservou-se e o *d* caiu.